

Nós e nossos personagens

HISTÓRIAS TERAPÊUTICAS

LUIZ CONTRO



NÓS E NOSSOS PERSONAGENS

Histórias terapêuticas

Copyright © 2020 by Luiz Contro

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Coordenação editorial, projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Capa: **Alberto Mateus**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7^º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 O LOBO MAU E OS NOSSOS MEDOS	23
2 ESPADA DE MATAR DRAGÕES	28
3 GRAVIDEZ TRANSFERIDA	32
4 ESPELHO, ESPELHO MEU...	35
5 NOSSOS NÓS	42
6 PERSONAGENS QUE SÃO PLATEIA	47
7 OS PERSONAGENS TRANSFERIDOS E O PERSONAGEM TERAPEUTA	54
8 NEM SEMPRE ASSIM	58
9 ENSAIAR O DESEJO	62
10 PARA ALÉM DA COMUNICAÇÃO VERBAL	69
11 SUPERVISÃO E ANTEVISÃO	72
12 OUTROS TONS DE CINZA	74

13	ATUALIZANDO AS FORMAS, OS TERMOS, OS PERSONAGENS	78
14	OS SUPER-HERÓIS	83
15	PERSONAGENS HERDADOS	88
16	PERSONAGENS QUE REPRESENTAM UM GRUPO	94
17	PERSONAGENS AMEAÇADORES	120
18	BAIXANDO AS CORTINAS	129
	REFERÊNCIAS	133

Introdução

ALGUMAS DAS MOTIVAÇÕES E PRETENSÕES PARA COM ESTE LIVRO

O ato de contar histórias não me é novo. De criança, entre muitas brincadeiras, eu me sentava com os amigos e as inventava. Creio ter prendido a atenção deles (alguns mais velhos), pois me pediam que criasse outras com determinados personagens que surgiam. Mais tarde, meus trabalhos como educador infantil e, posteriormente, como psicoterapeuta e coordenador de grupos me ofereceram cenários propícios nos quais pude continuar envolvido e envolvendo por meio de diversos enredos. Novas histórias, outros personagens, que aqui compartilho com você, leitor.

Assim, este livro é mais uma maneira de contar algumas histórias que experimentei, desta vez não fantasiosamente, embora constate que, ao relatá-las, o tempo possa poetificar minhas impressões. Para além dos ossos de meu ofício, como os há em qualquer outro, ele tem a pretensão de provocar no leitor um passeio por seus próprios personagens e enredos. Quais são os personagens que nos habitam?

Outro aspecto significativo presente nas origens destas páginas é o fato de que ressoava em mim havia muito tempo o desejo de atender ao pedido de pessoas que não atuam profissionalmente nesses campos (psicologia, educação e afins) para ter acesso a seus conteúdos. A intenção desse público via-se sempre dificultada pelo fato de ele ser pouco afeito a essa linguagem específica.

Romper o hermetismo da comunicação é uma tentativa de democratizar o conhecimento e compartilhar o simples deleite que tais histórias podem proporcionar.

Mesmo com esse cuidado, algumas referências são importantes e serão ofertadas para que o leitor que pouco ou nada transite por esse território possa andar com mais desenvoltura. Aquele que já o frequenta vai deparar com conceitos transpostos para esse linguajar menos acadêmico e, caso o deseje, encontrará indicações bibliográficas para leituras mais aprofundadas.

Aliás, a necessidade e o prazer do estudo, da pesquisa e do aprimoramento são inerentes a qualquer campo do conhecimento. Às áreas aqui abordadas, de igual modo. No meu caso, priorizei há alguns anos leituras literárias. No sentido amplo do termo, a literatura ultrapassa as demarcações de tempos, espaços, afetos. Coloca-se como experiência de universalidade e, ao mesmo tempo, singularizante, apontando para o fim dos territórios estabelecidos, institucionalizados. Contrapõe-se a discursos de coesões unitárias, reducionistas, de raso entretenimento previamente codificado e facilmente vendido.

Nessa vertente, estou entre aqueles que partilham da ideia de que a boa literatura pode ser rica. Qual literatura? A intempestiva, provocadora, que desacomoda porque questionadora, a que não se contenta em reproduzir ou mimetizar o já dado, mas visa contribuir para a criação do que se diferencia do sabido. Esta pode nos verter personagens e dinâmicas relacionais que muito representam da vida e nos servem de estímulo e espelho para que vejamos a nós mesmos e àqueles que nos pedem ajuda.

Nessa lida, nos últimos anos retomei a obra de Fernando Pessoa (Contro, 2018b). E, por meio de autores que comentam os escritos do poeta português, voltei-me novamente para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (Contro, 2018a) e para as interlocuções que se fazem entre eles (Contro, 2019).

POR QUE NIETZSCHE E PESSOA? A PLURALIDADE E SEUS PERSONAGENS

Nutro admiração pela coragem que tiveram. Sua ousadia extrapolou o conteúdo de seus pensamentos e chegou à radicalidade – no sentido de ir até a raiz – com que viveram a vida, entrelaçada que foi com o que propunham. Abdicaram, entre outras coisas, de uma melhor condição econômica, desobrigando-se de compromissos que pudessem não só impedir, mas competir com a produção de suas obras. Não sem pagar alto preço. Embora estivessem atentos a tudo que acontecia no entorno, valorizaram a solidão, fundamental na construção de seu legado. Sabiam que estavam à frente de seu tempo. Ter essa consciência do que viria a se confirmar décadas depois não é pouco.

Esse reconhecimento, também de minha parte, não implica que eu concorde com tudo que tenham escrito. Mas até nisso são provocativos o bastante para que eu me repositone encontrando meus divergentes lugares, mesmo que momentâneos.

São autores com profundo investimento nas áreas aqui em evidência. Nietzsche (1844-1900) referia-se a si mesmo literalmente como psicólogo e discorreu sobre psicologia em muitos escritos (Nietzsche, 2015, 2017). Face importante sua, foi (e ainda é) assim reconhecido por muitos autores (Giacoia, 2001). Marcou suas obras com proposições de como os indivíduos enredam-se, submetem-se ou libertam-se, a depender do modo como se relacionam com a mera reprodução ou a criação dos valores. Pessoa (1888-1935) é abraçado como poeta que mergulhou na própria alma, alcançando assim, paradoxalmente, temas universais da existência. Seus escritos, do mesmo modo, muito citaram a psicologia.¹

1. Para consultar os escritos de Fernando Pessoa, utilizei a base de dados on-line Arquivo Pessoa, disponível em <<http://arquivopessoa.net/>>, que doravante será denominada AP, seguida do número do texto em questão.

Pessoa leu Nietzsche (Ryan, Faustino e Cardiello, 2016), provavelmente o autor filosófico que mais influenciou seu pensamento (Ribeiro, 2011). Na poesia do filósofo e na filosofia do poeta se entrelaçam, entre outras coisas, a importância da pluralidade, do perspectivismo. A complexidade da vida, dos seres e de suas relações vai muito além dos enquadres dicotômicos e rasos. Os preconceitos, a preguiça intelectual, a acomodação simplista, os valores que se pretendem únicos e certos a ecoar vozes de catequização não dão conta da natural diversidade da natureza, do humano.

Esses dois autores, cada um a seu modo, enfronharam-se nesse pluralismo. Inclusive nas variadas formas de sua escrita. Nietzsche serviu-se de dissertações, de aforismos e de uma espécie de romance, em *Assim falava Zaratustra*, sempre se utilizando de imagens e aproximando-se, por isso, da poesia. Pessoa, além da já conhecida poesia, escreveu artigos e manifestos, em muito expressando conteúdos filosóficos.

Mas não só na escrita o pensamento de ambos navega pela múltipla perspectiva. Aos nossos propósitos, interessam os personagens conceituais nietzschianos e os personagens literários de Pessoa, sua heteronímia.

O tema dos personagens nos espaços terapêuticos não é novo. Entre outros, Luis Falivene (1994) já o pesquisou e Carlos Calvente o explorou em *O personagem na psicoterapia* (2002). Aqui, os alinhavos das histórias se darão, sempre que possível, pelas ideias e pelos escritos do poeta e do filósofo. Mesmo que já me utilizasse desse recurso de instrumentalizar a noção de personagem, em psicoterapia e noutros espaços de atuação profissional, ele tem sido potencializado no contato com Nietzsche e Pessoa.

Personagens são formas que delineiam sentimentos, sensações, pensamentos, as mais variadas forças que nos constituem ou que momentaneamente nos atravessam. Tudo pode ser simbolicamente corporificado por meio de um ou mais personagens. Eles aglutinam sentidos que por vezes estão dispersos, desconexos e,

por isso mesmo, não são vislumbrados. O simples ato de sugerir a alguém para imaginar um personagem que expresse algo que esteja sentindo ou com o qual se identifique é um estímulo interessante para que exercite sua percepção e possa agregar o que está esvanecido, rumo a uma maior consciência de si mesmo e das dinâmicas nas quais se encontra enredado.

Personagens se transformam. E esse parece um ingrediente fundamental da intersecção entre psicologia e literatura. *Assim falava Zaratustra* pode ser lido como romance de formação, aquele em que o protagonista se modifica no transcorrer da história, deparando com novas perspectivas ou redescobrimdo antigas. O mesmo ocorre com Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. E com a psicoterapia, em que se trata sempre de um processo. Como verá o leitor, as histórias relatadas aqui são fruto de uma construção que passa por etapas. Por mais que uma sessão seja extremamente significativa e por vezes catártica, no sentido de apropriação de conteúdos antes até mesmo desconhecidos, ela é um instante onde culmina toda uma edificação erigida até ali. Sem os passos anteriores, dificilmente se conformaria.

Quando o personagem está contextualizado nas cercanias do teatro, de onde efetivamente se originou, numa linha de associação natural ele se relaciona com enredo, figurino ou vestes, cenário, palco, que por sua vez só existem em função de uma plateia. Pois esses outros elementos da arte cênica também serão usados como representações sinalizadoras das dinâmicas relacionais, dos fluxos de forças que atravessam indivíduos, seus vínculos e seu entorno. Sobretudo as noções de palco e plateia, como referências de posicionamentos de onde partem ou aonde chegam o discurso, a ação, a imaginação, o desejo, enfim, todos os conteúdos emitidos e recebidos a que denominamos afetos, porque, literalmente, nos afetam.

Também é importante frisar que faço uma distinção entre papel e personagem. O primeiro conceito diz respeito a um

contorno configurado na relação do indivíduo com o social. Apresenta, portanto, os denominadores coletivos e os diferenciadores individuais numa interação cuja resultante por vezes é mais duradoura ou momentânea. Meu papel de psicoterapeuta e suas mutações, por exemplo. A noção de personagem se insere no campo da representação simbólica também oriunda da combinação entre as forças sociais e singulares que nos constituem, ora tendendo mais a uma, ora a outra. O personagem é mais volátil e fluido que o papel, pois será desenhado em função dos fluxos mais significativos presentes no instante de sua elaboração. Assim, meu papel de terapeuta, dependendo do que a situação solicita de mim ou me provoca, pode ser atravessado por conteúdos de um personagem mais assertivo, ou mais acolhedor, ou mais investigativo, entre tantos possíveis. Quanto maior o repertório de personagens, mais rico o papel, pois ganhará em flexibilidade diante das diferentes e inusitadas situações com as quais depara um educador, um psicoterapeuta, um coordenador de grupos.

Mas, quando se trata da especificidade desses núcleos e campos de saberes, um desses personagens merece destaque: temos sempre um pesquisador presente.

TERAPEUTA COMO PESQUISADOR: RECURSOS PARA A PARCERIA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS

Sem desconsiderar que esse personagem pesquisador também atravesse os papéis de educador e coordenador de um grupo, aqui vou priorizar sua inserção no de psicoterapeuta. Quando ele se coloca junto de quem investiga, deve estar atento aos detalhes, observar gestos, momentos em que se desencadeiam reações, emoções, palavras e tons – tudo que possa compor um quadro –, articular elementos e dar sentido a um tema que se esteja esmiuçando. Muitas vezes a pessoa que pede ajuda não tem consciência

do que está lhe causando sofrimento. Traz apenas um ou alguns sintomas. Esse explorador ativo então entra em cena com os recursos de que dispõe para uma viagem a dois ou em grupo pelo universo de um ou de mais sujeitos.

Uma de suas contribuições é quando ajuda a pessoa a se conscientizar dos contextos de origem de um sintoma ou de uma emoção. Muitas vezes eles se originam numa dinâmica relacional instaurada e se enraízam em função da reiteração noutras relações. Mapear essas matrizes, fazer essa genealogia ou traçar esses cartogramas não tem o intuito, no meu caso, de chegar às causas e, com isso, como que num passe de mágica, dar por resolvida a questão. Além do que, a expectativa de identificar um único fato como determinante de conflitos que se arrastam vida afora se mostra reducionista. Não dá conta da diversidade que constitui o mundo, como diriam Nietzsche e Pessoa.

Noutra perspectiva, apropriar-se do jogo de forças em que se esteve inserido quando do surgimento dos motivos de um sofrimento faz que a pessoa alargue a noção sobre o que lhe acontece. Assim, ela ganha mais potência na capacidade de escolher novos caminhos, utilizando um filtro mais crítico para selecionar o que deseja manter, transformar ou simplesmente eliminar da experiência que se repete há tempos. Pode, então, desfrutar de maior liberdade em comparação com aquela que tinha quando da vivência dos acontecimentos iniciais responsáveis pela instalação do conflito – seja em função da tenra idade, seja em função de uma consciência ainda não aprimorada, sua capacidade de escolha era menor.

Nessa seara, um modo de acessar essas matrizes é por meio da instrumentalização que fazemos da memória de emoções. Como verá o leitor em diversas histórias aqui contadas, quando a pessoa está de posse de sensação ou emoção que surge e sobre a qual tem pouca ou nenhuma compreensão, pede-se que percorra a trajetória sinalizada que a leve até seus registros de algum fato, lugar ou cena que podem ser originários ou semelhantes

ao que está sentindo. Não é incomum que ocorra, inclusive, um encadeamento de lembranças que a remeta a algo primordialmente significativo.

Esse direcionamento para nossa memória afetiva se fundamenta no postulado de Stanislavski (1863-1938), ator, diretor, pedagogo e escritor russo. Trata-se de intervenção mediante a qual se buscam, na memória de sentimentos, fontes de alimentação para que um ator nutra seu personagem em construção (Stanislavski, 1989). Esse método tem se mostrado fecundo quando transposto para situações de pesquisa sobre as matrizes que almejamos conhecer.

Em mais uma contribuição da literatura para o nosso fazer, o literato francês Marcel Proust (1871-1922) também se acercou desse tipo de memória, embora não estivesse preocupado com o estabelecimento de um método para manejá-la. Denominou-a “memória involuntária” em sua obra *Em busca do tempo perdido*, na qual constatou o acontecimento de se rememorar um fato do passado com base em algum elemento desencadeador do presente, tendo nesse fenômeno um dos motes centrais dessa sua principal produção.

Mas esse não é o único realce que nos interessa. Mais até do que isso, vale frisar que o autor empreendeu uma pesquisa sobre o tempo. Em francês, o termo usado por ele no título foi *recherche* (*À la recherche du temps perdu*), que carrega a conotação de “pesquisa”, e não “busca”, palavra mais genérica usada na tradução para o português. Mas de que tempo nos fala Proust? Podemos dizer que estava interessado em escapar do tempo cronológico, linear, cotidiano. Esse, no seu transcorrer, inevitavelmente nos leva à degradação. A passagem corriqueira do tempo sucessivo é a vivência do tempo perdido, no dizer de Proust.

Mas aqueles que se consideram sempre inacabados, que conseguem se rever e se transformar, pautam-se sob a égide do tempo da intensidade da vida, da criação. O protagonista proustiano vive esse processo, citado aqui em mais um romance de formação.

Nesse sentido, Proust se junta a Nietzsche e Pessoa entre os defensores da arte como veículo para que se viva o registro das intensidades. Mais do que produzir uma obra de arte no cotidiano, é gestar o cotidiano como obra de arte.

Neste momento, minha memória involuntária me faz desen-gavetar um poema de há tempos que conversa com esse tema:



A intensidade proustiana se dá em função de um tempo simultâneo onde passado e presente se sobrepõem. Seu narrador-protagonista, adulto, mergulha uma *madeleine* numa xícara de chá e isso o remete a uma cena similar na infância, aos domingos na casa da tia. Da casa para a cidade, da cidade para os seus acontecimentos. Memória involuntária que o faz navegar por todos os sete livros que compõem a obra.

O leitor, aqui, terá contato com algumas histórias em que essa pesquisa direcionada às matrizes e a consequente simultaneidade temporal que dela decorre se fazem presentes. Duas delas serão relacionadas com noções propostas por Nietzsche e Pessoa.

É da memória afetiva, no registro das intensidades, que nos municiamos para pesquisar sobre emoções, sensações ou conflitos que necessitamos esclarecer. Tais lembranças acontecem quando estamos no contexto das intervenções descritas nestas páginas – às vezes de forma involuntária, como narrado por Proust, mas muitas outras em consequência de uma propositada direção, como ferramenta de acesso a conteúdos por vezes inconscientes.

Outra via de acesso de que se serve nosso personagem detetive para entrar no universo das pessoas que o procuram são os sonhos, rico material, expressão de nosso inconsciente. Enquanto dormimos, o cérebro continua trabalhando ao buscar formas de representação para os fluxos que o permeiam nas diferentes áreas. Assim, memórias recentes, memórias antigas, emoções que ainda reverberam, preocupações com fatos acontecidos ou por acontecer, desejos reprimidos e tudo mais que nos constitui ganham rostos, lugares, movimentos, configurações simbólicas que os delineiam, por algum tipo de associação, e os expressam. Como no cinema, o cérebro seria o projetor de imagens de tudo que nos transpassa. Na tela, figuras num arranjo inevitavelmente caótico, uma vez que nossa pluralidade é extensa e a linguagem do estado inconsciente em que nos encontramos ao dormir é a do irracional.

Os autores com os quais aqui dialogamos endossariam nossa pesquisa com o material onírico. O filósofo, aos 26 anos, em seu livro de estreia, *O nascimento da tragédia*, lança algumas bases de seu pensamento. Um dos pilares é a constatação de que, com base no pensamento de Sócrates e Platão, cindiu-se o mundo em físico e metafísico. Em decorrência, muitas divisões se estabeleceram. Entre elas, razão e emoção, pensamentos e instintos, mente e corpo.

Apolo e Dionísio foram utilizados como exemplares desses universos. No entanto, há algumas críticas quanto à real polaridade existente entre esses dois deuses (Colli, 2008), uma vez que Apolo, bastante associado à razão por ser o deus greco-romano da lei e da ordem, reinava, ao mesmo tempo, na profecia, na poesia,

na música, nas artes em geral. Ou seja, há áreas de intersecção com Dionísio, deus das festas, do vinho, do teatro, dos ritos religiosos e protetor dos que ficam à margem da sociedade, simbolizando o caótico, o imprevisível, os impulsos.

Concordâncias e discordâncias à parte, o que aqui nos interessa é que Nietzsche, ao longo de sua obra, reporta-se ao que perdemos pelo fato de, historicamente, termos valorizado mais a razão, o comedimento, do que os impulsos, o fluxo de forças instintivas do animal humano. Assim, a importância dos sonhos como manifestações dessas potências é inevitável. O filósofo discorreu sobre o inconsciente décadas antes de Freud, embora não tenha sido o criador do termo e da ideia.

Quanto a Pessoa, além do sempre perseguido mergulho em si mesmo que já comentamos, o que por si só já o faria defensor do acesso aos sonhos, advogava por maior consideração para com os instintos e o inconsciente:

O século dezoito julgava, com a tradição, que o homem é um animal racional. A ciência moderna sabe, e com certeza, que o homem é um animal irracional. A ciência psicológica sabe que, no homem como nos animais, o inconsciente, ou subconsciente, predomina sobre o consciente; que o homem é, na sua essência, uma criatura de instintos e de hábitos, e apenas por acréscimo e superficialidade, um ser “intelectual”. (AP, 2908)

Mas nosso investigador também pode promover condições para que se criem cenas e imagens ao se “sonhar acordado”. As técnicas e os recursos são muitos. Podemos, por exemplo, fazer as vezes de um diretor de teatro. Nessa função, há que estimular a interação cênica entre os personagens emergentes, por meio da qual pode haver a criação de uma história que traga elementos até então não identificados do conflito que se explora. Com crianças menores, em meu papel de educador, como o leitor verá, a imaginação flui mais solta, facilitando o acesso ao material representativo da subjetividade desses pequenos seres.

Quanto ao recurso da produção de personagens para dar conta de sintomas, dinâmicas relacionais ou sinais de toda ordem que se apresentam, o desafio é sempre checar sua constituição na intenção de rever sua validade. Caso configure sofrimentos ou indícios de algum tipo de desarticulação nos vínculos em que está envolvido, precisamos de transformação, de sair da repetição, mudar de vestes, criar outros personagens que possam ser promotores mais eficientes da potencialização da vida.

Como pode perceber nosso leitor, esse terreno tem imbricações profundas com a arte. Não poderia ser diferente. Desde o tempo das cavernas, o ser humano busca formas de se expressar e se representar no que tem de mais íntimo e, por vezes, desconhecido de si mesmo. Aqui também, fortemente, encontramos Nietzsche e Pessoa. Ambos consideraram a arte instrumento para a constante reinvenção da vida. Sendo complexa, “a vida é amiga da arte” (Caetano Veloso, na canção “Força estranha”), pois a arte é capaz de expressar e renovar as multifaces que a vida tem. Talvez de recriá-la, ao provocar ângulos inusitados, estimulando a vontade de potência, promovendo encontros, causando epifanias reveladoras, instantes de êxtase dionisíacos, checando pretensas verdades, rompendo prisões, alardeando opressões, estimulando reflexões críticas para além das tentativas de se instalar o repetitivo que adocece. Por isso mesmo, a finalidade estética da vida é que vai constituir o ideal da filosofia nietzschiana, tanto quanto vai dar sentido à obra literária de Pessoa.

Enfim, os recursos de que dispomos para essa empreita de pesquisar junto com quem nos solicita são diversos. Cada profissional lança mão daqueles com os quais mais se identifica, muitas vezes em função de estar convencido por determinados pressupostos teóricos e técnicos. Mas, permeando esses instrumentos, é incontornável que haja cumplicidade entre os viajantes e que, mais adiante, ela possa se configurar como confiança. Os momentos de encontro autêntico, de pesquisa cuidadosa e profunda, requerem parceria sincera, ética, honesta, sem a

qual os sofrimentos não são compartilhados, as descobertas não frutificam.

Continuarei a discorrer, junto com os enredos aqui enunciados, sobre os pressupostos para que as histórias pudessem se desenrolar. Por meio desses relatos práticos, creio que será possível perceber a influência dos autores escolhidos para iluminar os labirintos que tenho pesquisado. Em consequência, torço para que todo esse processo tenha se revertido em narrativas interessantes para o leitor.

Histórias terapêuticas, e não necessariamente psicoterapêuticas. Essa distinção se refere ao fato de que, apesar de algumas se darem num processo de psicoterapia, outras, como já antecipado, tiveram lugar numa escola infantil, na seara da educação, e uma delas em minha vida pessoal. Essas últimas foram terapêuticas porque provocaram mudanças, a meu ver, dignas de nota. Assim, como a noção de transformação é seu denominador comum, fiquemos com o termo “terapêuticas” para representá-las todas. “Transformações terapêuticas” porque algumas intervenções levam a momentos de alegria espontânea, de novas pulsações, revitalização, instantes de real encontro entre as pessoas, distantes da alegria forjada fruto da ditadura da felicidade que insistem em nos impor nestes nossos tempos. “Transformações terapêuticas” porque muitas vezes nossos procedimentos revelam tensões entre forças opostas que não podem mais ser negadas nem desmerecidas e que apenas se enfrentadas podem ampliar nossa capacidade de escolher novamente, noutros moldes, noutros parâmetros, em função dessa reavaliação sempre necessária. Afinal, “tudo que não me mata me fortalece”, segundo Nietzsche.

Esses atos e processos terapêuticos resultam praticamente em contos. Histórias das quais participo, criando em conjunto, no papel de terapeuta, educador ou coordenador de grupos e com muitos dos meus personagens a constituir esses papéis. Personagens despertados, estimulados, rememorados à medida que interajo com quem trabalho. Outros, quando não são

inicialmente meus, adotados por mim, pelo fato de as pessoas os compartilharem comigo.

Daqui por diante, quem poderá avaliar se essas intenções se realizarão a contento será o leitor. Confesso que a atenção para não divagar mais que o necessário pelas reflexões teóricas suscitadas foi grande. Por vezes, senti-me como se tivesse colocado em mim mesmo um cabresto para não desviar da rota. Por outro lado, ganhou em liberdade o contador de histórias, o que foi prazeroso.

Como de praxe, houve o devido cuidado de alterar os nomes reais dos envolvidos, de não oferecer um contorno muito nítido dos cenários onde as histórias se deram, visando preservar a identidade daqueles que, porventura, poderiam se sentir expostos. Além disso, foram consultados para consentimento os autores cujas histórias são recentes e que, por isso mesmo, com tais enredos ainda a reverberar em si e nas pessoas de seu entorno, poderiam discordar desse compartilhamento. Mesmo assim, vale o pressuposto de que qualquer semelhança com fatos ou pessoas de nossa vida cotidiana não será mera coincidência, pois todas as cenas poderiam ter acontecido, se já não aconteceram ou ainda acontecerão com qualquer um de nós.

Boas viagens.

1. O Lobo Mau e os nossos medos

ERA UMA VEZ UM estudante de segundo ou terceiro ano de Psicologia, no papel de professor de uma turma de mais ou menos 16 alunos com idade entre 3 e 5 anos. O cenário é ao ar livre, na chácara onde funcionava aquela escola.

Certo dia, a mãe de um dos alunos presenteou o grupo com uma expressiva fantasia de Lobo Mau. Negra, com as orelhas, o contorno dos olhos e a boca em vermelho.

Um misto de alegria, ansiedade e relativo medo tomou conta daquelas crianças, de uma faixa etária em que misturam mais facilmente fantasia com realidade. Alquimia essa que aos olhos de um adulto parece ser, mais que compreensível, encantadora.

Essas emoções, somadas à possibilidade de as crianças vestirem a fantasia, como de fato podiam, faziam que dessem pulos movidos pela extrema curiosidade e pelas expectativas despertadas, pelo desejo de experimentar ser o Lobo Mau ou de caçá-lo.

O tal professor, desafiado a transformar tanta energia e interesse numa atividade que fosse ao encontro dos objetivos pedagógicos propostos, perguntou a elas de que forma resolveriam o dilema a ser enfrentado: como fazer para garantir que todos os que desejassem incorporar o Lobo Mau pudessem fazê-lo?

Alguns minutos transcorreram – o que ao coração afoito dos pimpolhos pareceu séculos – até que, em meio a sugestões por vezes tendenciosas, outras impraticáveis, elaboraram um jogo no qual era possível haver revezamento dos atores naquele personagem: ficariam todos, o professor inclusive, dentro de uma